

que o Governo é uma vaca leiteira alimentada no céu e ordenhada na terra". Acontece que os poderosos gostam dessa situação e sabem muito bem tirar proveito dela. Eles mesmos só se sentem bem quando conseguem concentrar em suas mãos todas ou quase todas as soluções. Quando a nação nasceu, tudo já tinha dono: capitânias hereditárias, sesmarias, latifúndios, escravos, propriedades dos coronéis. E parece que o povo sempre gostou, ou desde cedo se acostumou com isso. Dispensa o ônus da responsabilidade. Por outro lado, quando parte desse povo percebe a diferença e ousa levantar a cabeça, é logo "pacificada" a ferro e fogo pelos "salvadores da pátria". A nossa história é pródiga desses fatos. De vez em quando aparece um líder - logo tachado de revoltado - pregando a liberdade, uma certa dose de autonomia, à frente de uma massa de reivindicadores: Tiradentes, Padre João Ribeiro, Frei Caneca, Antônio Conselheiro - todos mortos, todos perdedores.

Alguma coisa de positivo, porém, sempre fica. Ao ver a derrota dos seus exércitos malformados, maldirigidos, mal-equipados, diante das forças mais bem treinadas de D. João VI, em 1817, monsenhor Muniz Tavares escrevia, ainda otimista e esperançoso: "É já melhorado o escravo que não beija os ferros."

A Biblioteca Nacional está completando quase dois séculos de existência no Brasil. É mais de um terço da nossa história. Ela tem, também, trilhado todos esses caminhos. É quase um retrato nosso. No início, ela era do rei. Era dele. Propriedade particular. Dele e dos seus familiares e de sua corte. No Brasil, ela se democratizou, passou a ser pública e nacional. Mas o ranço ficou. Ela foi entregue ao povo, mas a ânsia quase doentia de poder, por parte do governo central, ficou encravada, não importando se o peso de suas botas atravancava ou não o seu progresso. O governo era o pai de todos, também da cultura de todos. Autoridade e paternalismo, irmãos gêmeos, farinha do mesmo saco.

Reinado, império, república velha, república nova, novíssima... as mudanças nem sempre foram para valer. É claro que o governo tem de pagar, tem de construir, tem de soltar verbas. Para isso ele cobra impostos. Mas, parece dizer ele, se eu pago, tenho de controlar; o dinheiro é meu (não é!), tenho o direito de